



PARQUE HORTO FLORESTAL EM CASTANHAL-PA: A IMPORTÂNCIA DO LUGAR PARA OS MORADORES DO ENTORNO

Antonielly Oliveira da Silva
Mirleide Char Bahia

RESUMO

O objetivo foi analisar experiências vivenciadas por moradores do entorno do Parque Horto Florestal em Castanhal/PA. De caráter qualitativo, utilizou levantamentos bibliográficos e pesquisa de campo. Concluiu-se que na vivência do lazer há facilidade para que espaços se transformem em “lugar” por meio da vida diária e das brincadeiras (casa, rua e natureza).

PALAVRAS-CHAVE: Lugar; Experiência; Significado.

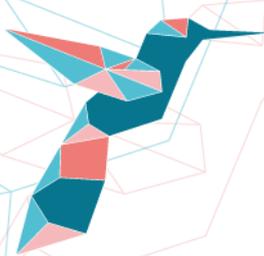
INTRODUÇÃO

Com o advento da modernidade e da tecnologia, as transformações nos espaços e lugares são cada vez mais evidentes, pois a todo tempo depara-se com esta realidade. No entanto, o que não se pode deixar de considerar é o fato de que nestes mesmos ambientes ocorrem experiências com significados especiais, causados justamente pela relação com os mesmos. Por isso, dificilmente são esquecidos, ainda que ocorram certas modificações nestes ambientes, pois o lugar continuará tendo um significado para as pessoas.

O Parque Horto Florestal, objeto deste estudo, é uma Área de Preservação Permanente (APP) e está localizado em um dos bairros centrais de Castanhal-PA. Possui 17,8 hectares de essência florestal, com uma extensão significativa de área verde, além de possuir também um grande número de espécies animais, algumas em extinção.

Área de Preservação Permanente - APP: área protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica e a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas (BRASIL, 2012, sem paginação).

As experiências das pessoas, no que se refere ao lazer, podem se dar em diversos lugares e, neste estudo, o ambiente a ser analisado é o meio natural (o Parque), justamente porque com esse processo de modernização e urbanização é o meio que mais tem sofrido com as modificações, tendo como resultado a diminuição das áreas verdes nas cidades, o que limita e diminui a interação ser humano-natureza que, baseado em algumas pesquisas



referentes a essa abordagem, apresentam pontos importantes que são gerados por esse contato e que podem deixar de existir se não houver ações que modifiquem essa realidade.

Neste sentido, a presente pesquisa teve por objetivo analisar as experiências vivenciadas pelos moradores do entorno do Parque Horto Florestal, com o fim de descrever as experiências vividas por estes, analisando como tem sido a relação dos mesmos com este local, em diferentes momentos históricos. A metodologia, de caráter qualitativo, utilizou levantamentos bibliográficos e pesquisa de campo, tendo sido realizadas etapas de observação não-participante e entrevistas semiestruturadas com os gestores do parque e moradores da área.

O LUGAR COMO ESPAÇO VIVIDO

Em estudos da geografia humana passou-se a considerar “o lugar” para além do sentido espacial, voltando-se mais para as questões das experiências e significados, um entendimento que se torna importante para a presente pesquisa.

Quando o assunto se refere à lugar e espaço, um dos autores que mais se destaca é Yu Fu Tuan. Isto ocorre principalmente pela sua obra *topophilia*, publicada em 1974, em que o mesmo pesquisava as atitudes dos seres humanos em relação ao ambiente e a utilização de conceitos espaciais mais adequados do que “paisagem”, como era explorada pela geografia cultural, com características mais subjetivas e antropocêntricas, fazendo aporte à fenomenologia existencialista e estruturalista (HOLZER, 2003). Neste sentido, “topofilia” é um neologismo utilizado para expressar em sentido amplo, todo o laço afetivo dos seres humanos com o meio ambiente material (TUAN, 1980).

O conceito de lugar passa a transpor o sentido puramente locacional e começa a ser visto como algo fundamental de se compreender o ser humano e sua forma de existir no mundo. Este passa a ser conceituado como uma entidade única, um conjunto “especial”, que tem história e significado, onde encarna as experiências e aspirações das pessoas, não sendo somente um fato a ser explicado nesta ampla estrutura do espaço, pois ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhes atribuem sentido e significado (TUAN *apud* HOLZER, 1999).

Desta forma, tem-se o lugar como o plano onde tudo acontece, em que podem ser analisadas as emoções, intenções, experiências, sentidos e significados, ganhando importância na forma de ver o mundo, seus padrões objetivos, nas crenças das pessoas e aos significados



subjetivos atribuídos pelas mesmas aos lugares, sabendo que os conteúdos do mundo e do lugar são “produzidos pela consciência humana e por sua relação intersubjetiva com coisas e os outros” (HOLZER, 1999, p. 70).

A análise do lugar ocorre a partir da experiência, pois “é a experiência, individual ou coletiva, que torna os lugares visíveis” (TUAN *apud* HOLZER, 1999, p. 71). Assim, o lugar é o núcleo em que se abrigam os sentidos, os valores e tudo aquilo que produz significados para alguém ou para um grupo. Este se liga às vivências, experiências e as apreensões do mundo, que são guardadas na memória.

As memórias são importantes registros vividos que partem das lembranças e eternizam os lugares como referências e cenários para uma constante visita ao passado trazendo em si, os mais diversos sentimentos, sonhos e percepções (ANDRADE, 2008, p. 570).

É nesta perspectiva que o lugar se diferencia do espaço e dos demais aspectos estudados na geografia como território, paisagem e outros, pois, demonstra não estar preso somente ao sentido locacional (físico), mas ganha uma importância em si (sentido simbólico), sendo justificada pela interação e relação subjetiva entre pessoa/objeto, pessoa/ambiente e pessoa/pessoa.

Para Carlos (2007), é no “lugar” que se desenvolve o sentido simbólico da vida em todas as suas dimensões, na construção do mundo e na troca de experiências presentes no cotidiano e se transformando por meio do uso e da forma com que cada pessoa ou comunidade se apropria desse ambiente.

As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo (CARLOS, 2007, p. 17).

São por meio das percepções e da forma de ver e estar no mundo que surgem as experiências pelas quais o ser humano apreende o mundo e tudo o que há nele, dotando-o de valores, sentidos e significados.

É através de seu corpo de seus sentidos que ele constrói e se apropria do espaço e do mundo. O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro é a praça, é a rua (CARLOS, 2007, p. 17).

Assim, como descreve Andrade (2008, p. 570), “a apropriação simbólica do espaço acumulada de sentimentos e pertinências, o particulariza e o transforma em lugar”, fazendo



com que as marcas das experiências, a memória e as lembranças transformem simples espaços físicos em “lugares”, carregados de sensações, afeições e referências da experiência vivida no lar, na escola, no trabalho, na natureza, no meio urbano, dentre outros.

O SER HUMANO E SUA RELAÇÃO COM A NATUREZA

O ser humano vive e se envolve com o que está ao seu redor de forma diferenciada, seja no meio natural, social, urbano ou familiar, pois, as experiências ali vividas estão ligadas a percepção de cada pessoa, e estas, se baseiam na cultura de cada indivíduo fazendo com que as diferentes atribuições de sentidos e significados aconteçam (TUAN, 1980). Neste sentido, a percepção humana se dá de várias formas como, por exemplo, corporal, cognitiva, emocional, sensorial e outras, além disso, as experiências podem ocorrer em diversos ambientes e de diversas formas.

Algo interessante a ser analisado é a relação do ser humano e a percepção deste com o meio natural, que cada vez mais tem se tornado distante, pois “mesmo que os seres humanos sejam “naturais” e a vida em si seja natural, a natureza como um todo tem sido considerada de maneira exterior aos homens e às sociedades” (MARINHO, 2007, p. 172). Isto mostra que enquanto sociedade, vive-se sob o desejo de apropriação da natureza, e não de se reconhecer como fazendo parte desta.

No entanto, “amar, respeitar e compartilhar a natureza é possível e absolutamente necessário” (MENDONÇA, 2007, p. 141). Assim, a natureza por sua vez também é capaz de despertar no ser humano os mais diferentes sentimentos e emoções possíveis.

Nela também permeia um certo tipo de celebração social. As árvores, as sombras, as trilhas, as cachoeiras, os rios e lagos, as pedras e montanhas, as flores; todo este cenário natural representa a possibilidade de ser vivida, conforme descreve Maffesoli, uma “mistura de afetos e de emoções comuns”. O meio natural representa, portanto, um lugar que pode ser emocionalmente vivido. Atribuo esta conotação ao mencionar a natureza enquanto espetáculo. Espetáculo no sentido dos sentimentos que nela (e com ela) podem ser vividos (MARINHO, 2007, p. 179).

Esta forma de ver a natureza influencia no relacionamento ou no cuidado com a mesma, pois mediante a percepção que se tem do lugar, as experiências e atitudes com o mesmo terão sentido e significado diferente. Para cada pessoa, a forma com que ocorre o relacionamento com um ambiente é diferente, por exemplo, a vivência e percepção de um adulto com o meio natural é muito diferente da vivência e percepção de uma criança.



Para a criança, mais do que ter uma vista sossegada do lugar, são as possibilidades de usufruir de certos objetos, além das sensações físicas a que estão sujeitas. A criança quando se relaciona com o meio natural se desprende de tudo para viver o ambiente de forma mais suave, inconsciente com o mundo físico, algo que prevaleceu no passado, quando o ritmo da vida era mais lento e que as crianças ainda desfrutavam disto (TUAN, 1980).

Assim, o adulto, ou melhor, o ser humano tecnológico tem, atualmente, um envolvimento com a natureza de forma mais recreacional do que propriamente vocacional (TUAN, 1980). Ou seja, quando ocorre um contato com a natureza é mais por questões de momento de lazer e de aventura do que propriamente para vivenciar a natureza no seu âmbito geral e essa diferença está na forma como cada um se apropria dela.

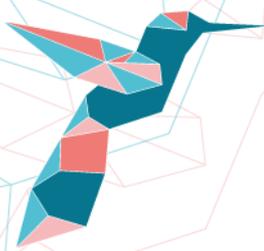
A natureza produz sensações deleitáveis à criança, que tem mente aberta, indiferença por si mesma e falta de preocupação pelas regras de beleza definidas. O adulto deve aprender a ser complacente e descuidado como uma criança, se quiser desfrutar polimorficamente da natureza (TUAN, 1980, p. 111).

Mesmo com essas diferenças de percepções, a natureza não deixa de causar sensações àqueles que têm contato com ela.

As mais intensas experiências estéticas da natureza possivelmente nos apanham de surpresa. A beleza é sentida, como o contato repentino com um aspecto da realidade até então desconhecida; é a antítese do gosto desenvolvido por certas paisagens ou sentimento afetivo por lugares que se conhece bem (TUAN, 1980, p. 108).

Assim, é praticamente impossível estar no meio natural e não sofrer alguma influência do mesmo, ainda que pequena, pois “o prazer visual da natureza varia em tipo e intensidade” (TUAN, 1980, p. 109). Não apenas isso, mas “a apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos” (TUAN, 1980, p. 110), o que contribui para uma maior percepção e afinidade com a mesma.

Com o crescimento urbano, um dos maiores problemas que se enfrenta corresponde à diminuição das áreas verdes, pois atualmente restam poucas áreas naturais, o que limita a relação do ser humano com a natureza, pois estas áreas poderiam proporcionar a interação entre o ser humano e o meio ambiente. Dessa forma, ocorrem os impasses na interação das pessoas com o meio ambiente, que até mesmo pela realidade da modernidade tem diminuído,



pois “na vida moderna, o contato físico com o próprio meio ambiente natural é cada vez mais indireto e limitado a ocasiões especiais” (TUAN, 1980, p.110).

Mas o que ainda gera esperança é o fato de saber que “quando uma sociedade alcança um certo nível de desenvolvimento e complexidade, as pessoas começam a observar e apreciar a relativa simplicidade da natureza” (TUAN, 1980, p. 118). Isto é um indício da importância do contato e das experiências com o meio natural, pois assim como o lazer, que pode ser conceituado como “tempo/espço propício para a vivência de uma multiplicidade de experiências classificadas como não pertencentes ao mundo do trabalho” (WERNECK *apud* GOMES; MELO, 2003, p. 25), o contato com a natureza ganha importância e significado também dentro da perspectiva ser humano-trabalho-vida urbana.

Para Tuan (1980), é a partir da vida corrida no ambiente urbano que faz com que o meio natural seja pensado como um ambiente propício às experiências com sentido emocional ou simbólico. “Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo” (TUAN, 1980, p. 107). Assim, a natureza torna-se importante na vida do ser humano, pois, “O sensível vivido num dado lugar (neste caso específico, a natureza) com os outros é consideravelmente relevante para a história humana” (MARINHO, 2007, p. 179).

Há a necessidade de se preservar e conservar as áreas verdes ainda existentes, pois além da necessidade do contato com a natureza supracitado ainda há o fato de que o ser humano em contato com a natureza tem a possibilidade de conhecer a si e ao outro, pois, “a oportunidade de estar em relação com o meio natural possibilita o reconhecimento do outro e de nós mesmo” (MARINHO, 2007, p. 179). O que influencia na organização e convívio em sociedade.

As pessoas, tendo espaços como estes, acabam ganhando novas possibilidades de ampliar suas experiências em diversos lugares, nos quais podem utilizá-los como espaço para práticas corporais, momentos de reflexão e outros. Segundo Marinho (2011, p. 176) “as pessoas não vivem e brincam no ambiente natural, mas convivem e brincam com o ambiente, do qual elas fazem parte, devendo respeitar como deveriam respeitar a si mesmo”. Desta forma, a vivência no meio natural se torna imprescindível para o ser humano e seu apego ao lugar.

Essas atividades requerem os elementos naturais para o seu desenvolvimento, de formas distintas e específicas, despertando novas



sensibilidades em diferentes níveis. As intensas manifestações corporais, aí vividas, permitem que as experiências na relação corpo-natureza expressem uma tentativa de reconhecimento do meio e dos parceiros envolvidos, expressando, ainda, um reconhecimento dos seres humanos como parte desse meio (MARINHO *apud* MARINHO, 2011, p. 169).

Afinal são “as celebrações do corpo, do sexo, da imagem, da amizade, da ‘comédia’ do esporte... o denominador comum é o lugar onde se faz essa celebração. Assim o lugar torna-se laço” (MAFFESOLI *apud* MARINHO, 2007, p. 178). E, tudo isto pode existir no convívio com a natureza, assim como em tantos outros lugares que, por meio das vivências e experiências, ganham sentidos e significados para os seres humanos.

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DESTA PESQUISA

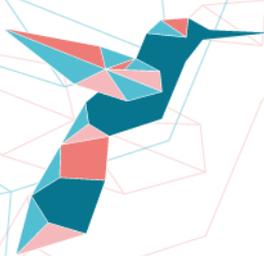
A presente pesquisa teve caráter qualitativo, a qual pretendeu responder a questões particulares, ocupando-se nas ciências sociais com um nível de realidade que não pode ou deve ser quantificada. Neste sentido, trabalhou com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e também das atitudes (MINAYO, 2008) e foi realizada em uma Área de Preservação Permanente (APP), denominada “Parque Horto Florestal”, localizada no município de Castanhal/PA.

Para a compreensão e análise dos dados foi utilizado referencial teórico sobre a temática, o que proporcionou o desenvolvimento da mesma ampliando a visão quanto à problemática levantada. Para a obtenção de dados e descrição da área foram realizadas visitas técnicas no local e observações não-participantes, além de entrevistas semiestruturadas com gestores ou outros responsáveis pela área.

Para analisar como se deu, historicamente, a relação dos moradores com o lugar e como está se dando esta relação atualmente foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os mesmos e conversas informais, o que resultou no relato de muitos moradores que puderam descrever e contar suas histórias, fator importante para alcançar os objetivos da mesma.

A história do lugar contada no lugar da história, tendo como narrador os antigos moradores, desembaraça nós atados pelo tempo, aflora nas lembranças as marcas da memória em busca de interpretações e até justificativas das mudanças contemporâneas (ANDRADE, 2008, p. 572).

A pesquisa contou com a participação de seis moradores do bairro, com idade entre 22 anos a 73 anos, que viveram e vivem no mesmo lugar experiências diferenciadas, cada um de acordo com o seu tempo e intensidade. O critério para a participação da pesquisa se deu por



meio da disposição e da voluntariedade de cada entrevistado. Para a identificação dos moradores mais antigos foi feito um mapeamento das residências correspondentes aos mesmos. A pesquisa foi desenvolvida também por meio da observação não participante, fazendo uso do diário de campo, do registro fotográfico com o uso de aparelhos eletrônicos, como câmera fotográfica para facilitar a ilustração do lugar e celulares para a gravação de áudios. Os procedimentos éticos da pesquisa foram tomados por meio da assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) apresentado ao coordenador da área e aos moradores, com o fim na obtenção da participação destes nas entrevistas.

O PARQUE HORTO FLORESTAL E SUAS CARACTERÍSTICAS

O Parque Horto Florestal está localizado em um dos bairros centrais da cidade de Castanhal, a qual se localiza no nordeste Paraense. Esta área possui 17,8 hectares, com uma extensão de 1.000 m² de frente e 700m² de fundo, com 150 espécies florestais como Seringueira, Castanheira, Jatobá, Ipês e outras, além de outras espécies que foram plantadas como o cupuaçu, o cacau, o açaí, temperos nativos e o açaí chumbinho. Também conta com um número significativo de espécies animais que tendem a aumentar com a prática de soltura existente neste lugar.

Segundo o profissional responsável pelos cuidados com a vegetação do Parque, inicialmente esta área pertencia ao município de Castanhal, mas depois foi cedida ao IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). Atualmente o Parque é uma área pertencente ao IBAMA, com gerência do Ministério do Meio Ambiente (MMA), mas que se encontra sob os cuidados da Secretaria de Agricultura da Prefeitura de Castanhal – PA, a qual, por meio de um convênio, passou a ser responsável pela fiscalização da área e conta com parcerias da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), da Secretária Executiva de Agricultura (SAGRI) e do Instituto de Terras do Pará (ITERPA), além da parceria informal como a Agência de Defesa Agropecuária do Pará (ADEPARÁ).

O Parque era uma área de proteção, mas devido a sua extensão de áreas verdes, seus recursos naturais das nascentes e o grande volume de reserva ambiental com produtos vegetais e animais. Tornou-se uma Área de Preservação Permanente (APP), o que justifica a limitação quanto ao acesso ao local por parte dos moradores do município. Por estar localizada em uma área urbana e apresentar dificuldades no que se refere ao cercamento



desta, é possível observar ações prejudiciais por parte de alguns moradores em relação ao meio natural, como o despejo de lixo no local.

No entanto, a entrada de pessoas não é totalmente proibida, pois podem ocorrer por meio de agendamentos feitos diretamente com os responsáveis no local. Geralmente as visitas passam a ser mais frequentes em períodos próximos às datas comemorativas, como o dia da árvore, o dia do meio ambiente, entre outras. Como atração para os visitantes, a área dispõe de trilhas que podem ser realizadas sob o cuidado dos profissionais do local, além de palestras proferidas pelos mesmos.

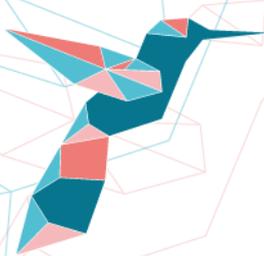
Além destas ações para a população, o Parque Horto Florestal disponibiliza para as comunidades vizinhas produtos ou recursos extraídos de projetos existentes neste espaço, como: desenvolvimento agrário, plantação de mudas, projeto suíno, projeto de piscicultura, horta, arborização e manutenção dos canteiros e jardins da cidade e outros.

Atualmente, a área está com oito projetos em funcionamento e o Parque ainda conta com quatro profissionais especializados: um agrônomo, um veterinário e dois técnicos. Além destes, há três gerentes de campo e alguns profissionais do setor administrativo. O horário de funcionamento para as visitas é de 7h00 às 13h00, de segunda a sexta e podem ser agendadas por interesses individual ou coletivo.

AS EXPERIÊNCIAS DOS MORADORES EM RELAÇÃO AO PARQUE HORTO FLORESTAL

Ao chegar próximo do Parque encanta-se inicialmente com as árvores, o clima e os sons emitidos pelos animais existentes no local, dando um ar calmo ou mesmo interiorano, que logo se desfaz ao se avistar as residências próximas e estão separadas apenas por uma rua asfaltada.

Para compreender um pouco a relação dos moradores com o local, basta parar e observar como estes interagem e constroem sua relação com o mesmo. A rua que fica em frente ao Parque Horto Florestal está sempre movimentada, pelo trânsito dos moradores do entorno e de outros residentes da cidade. São carros, motocicletas, bicicletas e outros; são pessoas com idas e vindas a destinos como escola, trabalho, visitas e tantos outros que não se limitam ao uso exclusivo da rua, mas também de partes do Parque como caminhos por aberturas existentes no muro, ou mesmo a utilização deste como passagem.



Essas e tantas outras ações podem ser observadas entre os moradores e a área como fatores significantes para a produção e (re)produção de experiências. No entanto, melhor que observar é saber por meio dos próprios moradores como vem se dando esta interação ao longo dos tempos, afinal “a população se constitui a mais importante ferramenta já que é depositária de informações, registros êmicos e sentimentos afetivos, resultado de uma relação com base na topofilia” (ANDRADE, 2008, p. 571).

Neste sentido, a pesquisa se constitui a partir dos relatos dos moradores sobre o Parque Horto Florestal e tudo o que está ao seu redor. Assim, passa-se a conhecer este lugar que, segundo os relatos da maioria dos moradores, há tempos atrás este bairro, como tantos outros do município, tinham poucas residências, todas de taipa rodeadas de mato e com apenas um caminho pequeno que cada vez se firmava pelos passos dos moradores e de seus meios de transportes.

Este caminho que hoje se constitui na rua que separa as residências do Parque ficou conhecido como “rua do arame”, pois segundo seus moradores o “Florestal” era cercado apenas por arames o que resultou no nome pelo qual a rua é conhecida até os dias atuais.

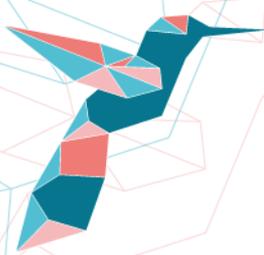
Tanto as residências, a rua e o ambiente natural davam a este lugar um aspecto interiorano como relata um dos entrevistados.

Eu comparava aqui antigamente nesse tempo, eu comparava tipo um interior, tipo, tipo interior, aí saía terminava ali o muro que não era muro na época era cerca, aí terminava lá a cerca aí chegava pra nós, pra mim a assim eu entendia que aqui era uma colônia, terminava lá, o canto do muro já era cidade (informação verbal)¹.

Isto se dava pela paisagem local e a forma pacata de viver de cada morador, pois estes tinham como rotina diária a escola para as crianças, o trabalho formal para alguns e o trabalho de casa para a maioria das mulheres, somente nos horários da tarde é que alguns homens se reuniam e iam brincar de bola no campo dentro do Horto destinado para eles e os adolescentes ocupavam o outro campo, correspondente a eles.

Nesses momentos, segundo este morador, as meninas estavam ajudando suas mães com os afazeres de casa e as que se encontravam desocupadas brincavam no entorno do Parque, onde o chão se constituía em uma quantidade maior de areia. Ao contrário do que

¹ J.T.A., de 42 anos, morador do bairro há 30 anos.



existe hoje, em que há mais vegetação e mato no lugar, era nesse local, na areia, que elas construíam casinhas, brincavam de boneca e tudo o que era possível para as suas imaginações.

Também era nesta parte do Parque que alguns meninos, os quais não gostavam de jogar bola ou por se machucar com facilidade na atividade, preferiam brincar de carrinho.

Por volta de 18h00 que a maioria dessas crianças e adolescentes se reunia no local, onde hoje corresponde a entrada do Horto, para brincar de pira se esconde, caí no poço e outras, que só tinham fim quando os pais os chamavam para jantar. De acordo com o referido entrevistado, foram nestes momentos de brincadeiras que muitos começaram a se relacionar, o que resultou em muitas uniões com o surgimento de filhos e netos.

Era também na rua que eles se organizavam e brincavam de queimada, bandeirinha e outras, que são lembradas com um olhar saudoso para a rua onde acontecia tudo isso, como se novamente fosse algo possível de ser vivido por ele, pois a “memória e a paisagem se comunicam por meio do olhar, resgatados por lembranças de tempos vividos e construídos na paisagem local” (ANDRADE, 2008, p. 571).

À noite, segundo este morador, alguns vizinhos se reuniam e iam para a casa de um Senhor conhecido por Zé Paraibano, que na época era o morador com melhores condições financeiras do bairro e podia dispor de uma casa grande e aparelhos eletrônicos, como televisão, que era novidade para muitos e possível para poucos. Era por meio deste aparelho que eles se comunicavam com o mundo através dos programas jornalísticos, dos programas de comédias e outros.

Neste ritmo que, tanto a vida deste morador como a de muitos outros habitantes do local, ia tomando forma, nesta relação do bairro com o Parque Horto Florestal como uma extensão de suas moradias, onde alguns sentiam este lugar tão seu que tinham a liberdade de à tarde pendurar suas redes debaixo das árvores e desfrutar da tranquilidade e das sombras formadas pelas mesmas, sombras estas que faziam com que este morador, enquanto criança, sentisse um imenso prazer pela existência desta área, pois as sombras lhe proporcionavam um espaço para o aumento das suas diversões. Pensamento que ganhou mais importância com o passar dos tempos, ao ver que esta área não tinha uma importância apenas por causa das sombras, mas por ser útil para a existência humana.

É por meio dessa utilidade gerada pelos recursos naturais existentes na área que muitas donas de casas se reuniam nesta localidade, nos tempos em que o saneamento básico era mais



precário, para fazer uso das águas do Parque como único recurso disponível, pois estas sofriam com a frequente falta d'água.

Aqui faltava água, de primeiro, que meu Deus do céu, faltava muita água. Aí, a gente ia pro igarapé pra ir, às vezes tinha só aquele aterrado, a gente levava enxada e cavava pra formar igarapé (informação verbal)².

O único meio que as donas de casa tinham era ir para o “Florestal” e usar o igarapé do local para as lavagens de roupas e higiene pessoal. Nestes momentos era quando mais se acentuavam a relação das donas de casas com este espaço e um momento a mais para seus filhos desfrutarem dos igarapés sob os olhos atentos de suas mães, pois nos outros momentos elas estavam em casa cuidando dos afazeres domésticos, e por receios dos animais existentes na área, evitavam entrar no “Florestal” e pediam aos filhos que fizessem o mesmo.

Os tempos foram passando e a modernidade foi chegando e alcançando os moradores do bairro, que foram deixando esta dependência do local, seja para auxílio do dia a dia ou para a busca de diversão.

Segundo um dos moradores do local (J.T.A.), eles foram trocando as velhas brincadeiras pelos aparelhos eletrônicos, que se tornaram mais fáceis de serem adquiridos, diminuindo a maioria das práticas que fizeram parte da sua juventude e que hoje seus sobrinhos não conhecem ou não têm o costume de praticá-las, fazendo com que ele reflita e tenha como conclusão, que seus tempos de meninos eram melhores dos que hoje ele acompanha, por tudo, pelas conversas, brincadeiras e valores em relação à criação de filhos.

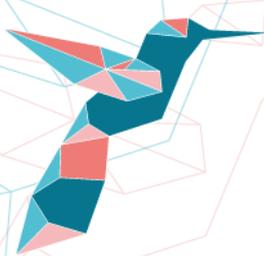
Isto fica evidente não apenas na fala dele, como também na de outra moradora do local (N.M.N, de 22 anos), que sempre morou neste lugar e pôde ainda quando criança, desfrutar dos igarapés, dos campos e das brincadeiras realizadas no “Florestal”, que hoje tem um filho de 4 anos e sente por ele não ter as mesmas possibilidades que ela teve quando criança. Este fato acontece não pela falta de espaço, mas pela falta de segurança no local.

O lugar continua o mesmo, as mermas árvores estão aí, o mermo chão tá lá, o mermo caminho que nós andava tá lá, o mermo igarapé tá lá do mermo jeitinho, só o que mudou, por que a gente não pode ir lá? Porque o aumento da violência, entendeu? (informação verbal)³.

Segundo alguns relatos, com o passar dos tempos, as ações ilícitas deixaram esta área marcada pelo aumento da violência e ações que colocam os moradores em risco, o que limita

² R.C.T.A, de 57 anos, moradora do bairro.

³J.T.A., de 42 anos, morador do bairro há 30 anos.



o contato da população com este espaço de forma mais livre. Em função disto os moradores desse bairro passaram a sofrer com a má fama do lugar, causada por tais ações, e passaram a ter uma série de inconvenientes, ao tirar os documentos, ao procurar trabalho, pois para tudo isto era necessário apresentar o endereço de suas residências e as pessoas, ao saberem que se tratava de moradores do “Florestal”, como é conhecida esta área, se sentiam inseguras e temerosas, fazendo destas informações uma generalização coletiva.

No entanto, mesmo com todos esses problemas, alguns moradores ligados pelo que viveram durante todo esse tempo neste local confessam sentir amor e verdadeiro apego ao lugar, como observado na expressão da dona C.M.P, de 63 anos e moradora do bairro há 31 anos “gosto, adoro, amo a casa e amo também a floresta, melhor que ocê já sabe, não adianta falar”.

Dessa forma, observa-se que atualmente os moradores estão limitados ao que acontece no lugar. Mas segundo alguns relatos, a situação já foi mais crítica e tem diminuído muito atualmente, mas mesmo assim eles não sentem segurança em entrar com a mesma liberdade na área. Devido estas ações ilícitas na área a fiscalização, tanto por parte dos profissionais da área, como do policiamento, passou a ser maior, o que gera certo temor por parte dos moradores, com a possibilidade de serem confundidos, pois para eles a ação que poderia ocorrer para facilitar a interação com este espaço de forma mais livre tanto para eles como para os demais moradores do município era a criação do Parque Ambiental, que segundo eles é uma promessa antiga que até hoje não puderam constatar.

Assim, a relação que pode ser observada entre os moradores e o Parque, nos dias atuais, está relacionada mais às entradas nas proximidades da área, facilitada pelas aberturas do muro, para catar castanhas, o uso de partes da área como caminho e alguns espaços de lazer, como o campinho de futebol de várzea e o de vôlei que podem ser vistos por todos.

Além dessas ações é possível ver moradores sentados no que restou do muro e alguns em cadeiras entre o muro e parte do Parque, ou por ações como a do J.T.A., que por sentir falta da liberdade de acesso ao lugar pede autorização para caminhar e desfrutar da ação da natureza como um exercício e uma forma de voltar ao passado e se reconhecer como parte integrante daquele lugar.

Conhecer sua própria história, seu caminho percorrido é um exercício de auto-reconhecimento, de integração temporal, aonde as imagens do passado projetadas são transformadas através do sentimento de pertença, afetividade e de identidade local (THOMPSON *apud* ANDRADE, 2008, p.572).



Dessa forma, as experiências dos moradores com o Parque Horto Florestal têm se dado, no dia a dia, com intensidades e formas diferenciadas, de acordo com a compreensão e necessidade de cada um.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada pessoa vive e se apropria dos lugares de forma diferenciada, muitas inspiradas pela cultura, por pensamentos ideológicos, pelas rotinas pertencentes a cada ser e por outras variáveis. Com a natureza, as experiências podem ser apropriadas da mesma forma, por meio do dia a dia, das diversas necessidades pessoais ou coletivas e outras que se exprimem na forma de viver e pensar o lugar.

Neste sentido, a pesquisa obteve como resultado a análise das vivências, por meio de relatos e histórias descritas por moradores, os quais têm em suas memórias momentos vivos, frutos de cada ação realizada no bairro, na rua, na casa, nas vizinhanças e também no meio natural, que compreende todo o Parque Horto Florestal, em uma relação de dependência e pertencimento a este lugar.

O lazer, como um tempo disponível a ser vivido, pode ser observado nos momentos de interação da população com o espaço, como uma forma de divertimento e descanso na ruptura do que tem se constituído como tempo de ocupação referente aos trabalhos formais ou de casa e aos tempos de escola.

A pesquisa também teve como resultado a verificação da facilidade com que certos espaços tendem a se transformar em lugar, como a casa, a rua e o meio natural, por meio da vida diária e das brincadeiras, momentos tão fáceis de serem guardados na memória e tão expressivos ao serem lembrados quando remetidos novamente, pois de fato se tornaram experiências.

Muitas dessas experiências hoje não podem ser vividas da mesma forma, como acontecia anteriormente, pois a modernidade no que se refere às facilidades em relação a divertimentos, distrações e aquisição de bens, de certa forma, provocou a diminuição de atividades importantes como as brincadeiras de rua, conversas em frente à casa, o prazer em estar em contato com a natureza sem se preocupar se há ou não área para se manter em “comunicação”, práticas tão importantes para dar sentido ao lugar. Fora isso ainda ocorre o aumento da violência que limita as pessoas de viver de forma mais segura os espaços e refuta



o direito destas de vivenciar aquilo que está ao seu redor de forma adequada e no tempo desejável.

Por meio da pesquisa também foi possível observar a importância de um meio natural como facilitador no desenvolvimento pessoal e social daqueles que puderam ter contato com o mesmo, além de ampliar os espaços específicos para as diversas possibilidades de lazer.

Por essas e outras razões supracitadas devem ser pensadas pelo poder público diversas medidas de preservação, conservação e manutenção de áreas com tais importâncias, além de medidas que garantam a segurança e a vivência de lazer de forma diversificada nessas áreas, tendo como auxílio a realização de pesquisas como esta, as quais possam ampliar o conhecimento em relação a tal abordagem e subsidiar a implantação de Políticas Públicas voltadas ao Planejamento e a gestão de áreas verdes nas cidades.

Forest Park Garden in Castanhal-Pa: A Place of Importance to the Environment Residents

ABSTRACT

The objective was to analyze the experiences of people living around the Horto Florestal Park in Castanhal/PA. Qualitative, used literature surveys and field research. It was concluded that in the leisure experience no facility for spaces become 'place "through daily life and play (house, street and nature).

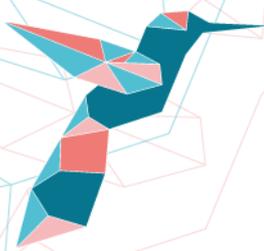
KEYWORDS: *Place; Experience; Meaning.*

Parque Forestal Garden en Castanhal-Pa: un Lugar de Importancia para los Residentes de Medio Ambiente

RESUMEN

El objetivo fue analizar las experiencias de las personas que viven alrededor del Parque Florestal Horto en Castanhal/PA. Encuestas bibliográficas utilizadas cualitativos y la investigación de campo. Se concluyó que en la experiencia de ocio hay facilidad para espacios se convierten en "lugar" en la vida diaria y el juego (la casa, la calle y la naturaleza).

PALABRAS CLAVES: Lugar; Experiencia; Lo Que Significa.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, C. Lugar de memória... memórias de um lugar: patrimônio imaterial de Igatu, Andaraí, BA. *PASSOS: revista de Turismo y Patrimônio Cultural*. Vol. 6, n° 3, 2008. p. 590.
- BRASIL. Lei N° 12.651, de 25 de Maio de 2012. Brasília, DF, 2012.
- CARLOS, A. F. A. *O Lugar no/do mundo*. FFLCH: São Paulo, 2007.
- GOMES, C. L, MELO, V. A. Lazer no Brasil: Trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. *Revista Movimento*. Porto Alegre, V. 9, n° 1, p. 23-44, Janeiro/abril de 2003.
- HOLZER, W. O conceito de lugar na Geografia Cultural – Humanista: Uma contribuição para a geografia contemporânea. *GEOgraphia* – Ano V. n° 10, 2003.
- HOLZER, W. O lugar na Geografia Humanista. *Revista Território*. Rio de Janeiro, Ano IV. n° 7, p. 67-78, jul./dez.1999.
- MARINHO, A. Conexão entre Lazer, Esporte e Natureza. In: MARINHO, A., COSTA, E. T, SCHWARTZ, G.M (orgs). V Congresso Brasileiro de Atividade de Aventura. São Bernardo do Campo / 2010. *Entre o Urbano e a Natureza: a Inclusão na Aventura*. Ed. Lexia: São Paulo, 2011.
- MARINHO, A. Do Bambi ao Rambo ou do Rambo ao Bambi? As relações com (e na) natureza. In: *Meio ambiente, Esporte, Lazer e Turismo: Estudos e Pesquisas no Brasil 1967-2007*; Ed. Gama Filho: Rio de Janeiro, 2007.
- TUAN, Y. F. *Topofilia: um Estudo da Percepção, Atitude e Valores do Meio Ambiente*. Ed. DIFEL: São Paulo/Rio de Janeiro, 1980.